



SEÇÃO: EPISTEMOLOGIA & FILOSOFIA DA LINGUAGEM

## Wittgenstein e a distinção entre sentido e significado: uma proposta de leitura do § 556 das Investigações Filosóficas

*Wittgenstein and the distinction between sense and meaning: a proposal of lecture from § 556 of the Philosophical Investigations*

*Wittgenstein y la distinción entre sentido y significado: Una propuesta de lectura del § 556 de las Investigaciones Filosóficas*

**Gerson Francisco de Arruda Júnior<sup>1</sup>**

0000-0002-4985-5005  
[gerson.arruda@unicap.br](mailto:gerson.arruda@unicap.br)

**José Marcos Gomes de Luna<sup>1</sup>**

0000-0002-2264-2501  
[marcos.luna@unicap.br](mailto:marcos.luna@unicap.br)

**Recebido em:** 3 fev. 2021.

**Aprovado em:** 24 maio 2022.

**Publicado em:** 5 set. 2022.

**Resumo:** O presente artigo enfrenta a questão da distinção entre *sentido* e *significado* nas *Investigações Filosóficas*. Considerando a mudança radical na virada linguístico-pragmática ocorrida no pensamento de Wittgenstein, que passa a situar tanto o sentido quanto o significado no âmbito do *uso* que fazemos da linguagem, procura-se mostrar que distinguir as noções de sentido e de significado, nas *Investigações Filosóficas*, não somente é possível, mas também é de fundamental importância para uma mais ampla compreensão desses termos no pensamento do segundo Wittgenstein. Por conseguinte, contrapõe-se a leitura atenta do parágrafo 556 das *Investigações Filosóficas* à interpretação tradicional, que não se preocupa em distinguir sentido de significado, desejando apontar e fundamentar tal proposta.

**Palavras-chave:** Wittgenstein. Sentido. Significado. *Investigações Filosóficas*. *Tractatus*.

**Abstract:** This article addresses the question of the distinction between *sense* and *meaning* in *Philosophical Investigations*. Considering the radical change in the linguistic-pragmatic turn that occurred in Wittgenstein's thought – which starts to situate both sense and meaning within the scope of our language *use* – we sought to show that, distinguishing the notions of sense and meaning in *Philosophical Investigations* is not only possible, but also of fundamental importance for a broader understanding of these terms in the thought of the second Wittgenstein. Therefore, the careful reading of paragraph 556 of *Philosophical Investigations* is opposed to the traditional interpretation, which is not concerned with distinguishing sense from meaning, wishing to point out and substantiate such proposal.

**Keywords:** Wittgenstein. Sense. Meaning. *Philosophical Investigations*. *Tractatus*.

**Resumen:** Este artículo aborda la cuestión de la distinción entre *sentido* y *significado* en *Investigaciones Filosóficas*. Considerando el cambio radical en el giro lingüístico-pragmático que se produjo en el pensamiento de Wittgenstein, que comienza a situar tanto el significado como el significado dentro del ámbito de nuestro *uso* del lenguaje, buscamos mostrar que distinguir las nociones de *sentido* y *significado* en *Investigaciones Filosóficas* no solo es posible, sino que también es de fundamental importancia para una comprensión más amplia de estos términos en el pensamiento del segundo Wittgenstein. Por lo tanto, la lectura atenta del párrafo 556 de las *Investigaciones Filosóficas* se opone a la interpretación tradicional, que no se preocupa de distinguir *sentido* de *significado*, deseando señalar y fundamentar tal propuesta.

**Palabras clave:** Wittgenstein. Sentido. Significado. *Investigaciones filosóficas*. *Tractatus*.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

<sup>1</sup> Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Recife, PE, Brasil.

## Introdução

Em sua primeira grande obra, o *Tractatus Logico-Philosophicus*, Wittgenstein assumiu com rigorosa convicção que o *sentido* de uma proposição e o seu *significado* são coisas diferentes. De acordo com ele, a distinção é bem delimitada e deve ser mantida de modo imprescindível, haja vista que ela demarca funções lógicas fundamentais para a compreensão correta e o exercício rigorosamente adequado da linguagem.

Nas *Investigações Filosóficas*, porém, o "segundo" Wittgenstein mudou radicalmente a sua posição sobre o processo de significação da linguagem. Nesse caso, a linguagem não é mais significativa por representar objetos do mundo, mas porque tem um uso público, em uma determinada comunidade falante. Desse modo, ao estabelecer que o uso é o chão de onde brota a significação da linguagem, as fronteiras entre o *sentido* e o *significado* linguísticos parecem ter sido diluídas. De fato, a leitura padrão de *Investigações Filosóficas* passou a compreender que o *sentido* e o *significado* são indistintos e decorrem do uso que fazemos da linguagem.

Essa leitura padrão das *Investigações Filosóficas*, segundo a qual *sentido* e *significado* se constituem no uso da linguagem e não são mais distintos, porém, não parece suficientemente clara, especialmente porque, em muitas passagens das *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein continua falando de *sentido* e *significado* como coisas distintas. Para verificarmos esta distinção, porém, consideramos o aforisma 556 um ponto de partida formidável, instigante e desafiador.

Neste artigo, procuraremos primeiro apresentar, em linhas gerais, a posição de Wittgenstein sobre a distinção entre *sentido* e *significado* no *Tractatus*. Depois, apreciaremos a proposta de leitura padrão das *Investigações Filosóficas*. E, por fim, concluiremos com uma análise rigorosa do § 556 das *Investigações Filosóficas*, comprovando

que, definitivamente, ele indica outro ponto de vista, diferente daquele da leitura padrão, onde, mesmo se constituindo a partir do uso da linguagem, *sentido* e *significado* se distinguem. E esta distinção é muito importante tanto para a compreensão como para o próprio uso da linguagem.

## Sentido e significado no *Tractatus*

No *Tractatus*, certamente a obra mais importante da primeira fase de seu pensamento, Wittgenstein sustenta que existe uma distinção precisa e fundamental entre o *sentido* e o *significado* linguísticos. De acordo com ele, o *sentido* tem a ver com a proposição, e o *significado* tem a ver com os nomes que compõem a proposição. Em suas palavras, "Só a proposição tem *sentido*", diz ele, e "é só no contexto da proposição que um nome tem *significado*" (TLF, 3.3).<sup>2</sup>

A distinção de *sentido* e *significado* feita no *Tractatus*, porém, está encravada na concepção de linguagem mantida por Wittgenstein – naquela fase de seu pensamento. A linguagem, insistia ele, tem uma estrutura lógica que oferece os limites e as condições do *sentido*. Qualquer um que desprezasse tais limites e condições do falar com *sentido*, fatalmente dirá absurdos ou contrasensos.

Para o Wittgenstein do *Tractatus*, a linguagem só tem *sentido* se ela descreve ou retrata um fato possível. Essa posição, que ficou bastante conhecida com o nome de "teoria pictórica" ou "teoria da figuração", defende que há uma correspondência rigorosa entre a figuração feita na linguagem, por meio das proposições, e os fatos ou estado de coisas do mundo, que são por elas representados.<sup>3</sup> O cerne dessa figuração é que "os elementos da figuração estão uns para os outros de uma determinada maneira representa que as coisas estão umas para as outras" (TLP, 2.15).

De acordo com a teoria pictórica, então, "nós fazemos figurações dos fatos" (TLP 2.1).<sup>4</sup> Figura-

<sup>2</sup> A obra *Tractatus Logico-Philosophicus* será referenciada abreviadamente com a sigla "TLP", seguida do respectivo número do aforismo citado.

<sup>3</sup> Para mais detalhamento do que constitui a teoria pictórica. Cf. FOGELIN, Robert J. *Wittgenstein*. 2. ed. New York: USA, Routledge, 1995. p. 18-26; e, também: ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de. *10 lições sobre Wittgenstein*. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 57-72.

<sup>4</sup> Considerações acerca do sujeito afigurador. Cf. ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de. *Forma lógica e subjetividade: o Tractatus e a inexistência de um 'eu' empírico capaz de representar*. *Ágora Filosófica*, [S. l.], ano 14, n. 1, jan./jun., p. 103-122, 2014.

ções estas que podem ser verdadeiras ou não, mas que também podem ter sentido ou não. Elas são verdadeiras, se figuram um fato existente; e são falsas, se figuram um fato possível, mas que de fato não existe. E elas têm sentido se representam um fato possível. Caso contrário, serão figurações sem sentido ou absurdas.

O que vem a ser o sentido da figuração e em que consiste sua distinção do significado, por sua vez, Wittgenstein explicita de modo magistral na sua teoria da proposição. De acordo com esta teoria, como já dito, "só a proposição tem sentido; é só no contexto da proposição que o nome tem significado" (*TLP* 3,3). Por conseguinte, a distinção entre sentido e significado é demarcada rigorosamente, isto é, *sentido* é algo relacionado com a proposição, e *significado* é algo relacionado com os nomes no contexto de uma proposição.

Desse ponto de vista, a proposição tem sentido porque sua função lógica é descrever uma situação, um fato. Já o nome tem significado porque sua função lógica é representar um objeto no interior da proposição. A natureza lógica da proposição e do nome, respectivamente, está relacionada com a natureza da realidade: situações só podem ser descritas, e objetos só podem ser nomeados. Desse modo, para o *Tractatus*, "nomes são como pontos, proposições são como flechas, elas têm sentido" (*TLP*, 3.144).

O mais interessante nisso tudo é que, para o *Tractatus*, o *sentido* da proposição não pode ser *dito*, e o significado dos nomes é um objeto simples. De modo mais detalhado, de acordo com o *Tractatus*, o *sentido* da proposição não pode ser posto em palavras, porque o seu sentido é exatamente aquilo que ela deseja afirmar. Dito de outro modo, ela não pode representar seu próprio sentido porque seu próprio sentido é o que ela procura exprimir. Contudo, se por um lado o sentido da "proposição não pode ser dito", por outro, "a proposição *mostra* seu sentido" (*TLP*, 4.022). Ela mostra seu sentido porque

ela *mostra* como as coisas estão no mundo, se ela for verdadeira, ou como as coisas poderiam, logicamente, estar no mundo, se ela for falsa. E como o sentido da proposição se mostra na concordância ou não com as possibilidades de existência de estados de coisas, somente os fatos podem *mostrar* o que a proposição aponta. Se não houver nenhum fato possível que expresse o que ela aponta, então ela não tem sentido ou é um mero contrassenso.

Igualmente interessante também é a consideração tractatiana acerca do significado. Para o *Tractatus*, os nomes são como pontos, isto é, eles representam um objeto específico no interior da proposição. Por conseguinte, o significado de um nome é o próprio objeto que ele representa. Mas o que são esses objetos?<sup>5</sup>

De acordo com o *Tractatus*, os objetos representados pelos nomes são os constituintes últimos dos estados de coisas. Eles são simples e contêm a possibilidade de todas as suas situações combinatórias, isto é, eles contêm todas as suas possibilidades de combinação. Desse modo, assim como o objeto contém suas possibilidades internas de combinação, para formar estados de coisas, um nome também contém suas possibilidades internas de combinação, para formar proposições elementares.

Admitir tudo isto é fundamental para a determinação do sentido da proposição, na concepção do *Tractatus*. Se não houvesse sinais simples com significado, também não haveria um sentido determinado na proposição. E se não houvesse uma base sólida como significado dos nomes, uma base que não admite subdivisão posterior, também não haveria um sentido determinado.

A base sólida sobre a qual repousa o significado dos nomes é o conjunto dos objetos. O objeto é o fixo, o subsistente (*TLP*, 2.027). Ele é a condição lógica que permite falar sobre o mundo com sentido. E aqui nós temos o ponto capital da concepção tractatiana do sentido: a análise

<sup>5</sup> Sobre o conceito wittgensteiniano de objeto, Cf. TEJEDOR, Chon. *Wittgenstein*. London: Continuum, 2011. p. 23-26; CUNHA, Rui Daniel. A dedução dos objetos no *Tractatus*. *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, tomo XLV, fasc. 2, p. 225-246, abr./jun. 1989. Trimestral; LOMBARDI, Olimpia. Que son los objetos del *Tractatus*? *Revista de Filosofia*, Madrid, v. XII, n. 21, p. 55-76, 1999; e ainda: HINTIKKA, Merrill B. The objects of Wittgenstein's *Tractatus*. In: LEINFELLNER, Werner; KRAEMER, Eric; SCHANK, Jeffrey (ed.). *Language and ontology: proceedings of the 6º international Wittgenstein Symposium*. Vienna: Hölder-Pichler-Tempsky, 1982. p. 429-434.

completa da proposição desemboca em uma estrutura lógica que se apoia nos nomes como representantes dos objetos:

Com efeito, a análise completa da proposição nos leva a concluir que ela se reduz aos signos simples, que constitui o que poderíamos denominar a "substância" da nossa linguagem. Eles correspondem à base imutável e permanente a partir da qual todas as proposições atômicas (ou combinações possíveis de signos simples) são geradas. Como os signos simples designam objetos simples, podemos concluir que estes últimos constituem a base imutável e permanente, a 'substância' mundana a partir da qual são gerados todos os fatos atômicos (ou combinações possíveis de objetos simples). Assim, de um lado, é a existência de signos simples que permite a existência de uma forma fixa para a linguagem; de outro, é a existência de objetos simples que permite a existência de uma forma fixa do mundo (PINTO, 1998, p. 181).

A análise completa da proposição, como insiste Margutti Pinto, mostra que ela se reduz aos signos simples, que são os nomes, constituintes últimos do que ele está chamando de "substância da nossa linguagem". Tais signos simples correspondem à base imutável das proposições atômicas. E como eles designam os objetos que formam o que Wittgenstein chamou de "substância do mundo", entende-se porque de um lado a existência de signos simples permite a existência de uma forma fixa para linguagem e, de outro lado, a existência de objetos simples permite a existência de uma forma fixa do mundo, garantia segura do sentido das proposições que descrevem os fatos possíveis.

A necessidade espartana de nomes como representação dos objetos para formar a proposição com sentido e a necessidade ainda mais espartana de objetos simples como significado dos nomes, contudo, acabou por levar Wittgenstein ao descontentamento com as posições assumidas no *Tractatus*. Esse foi um dos pontos fundamentais para que, nas *Investigações Filosóficas*, ele buscasse uma nova base semântica para a significação da linguagem e abandonasse a ideia de que objetos simples garantem o significado

dos nomes que, por sua vez, garantem o sentido das proposições. Mas, nessa nova base, será que ele abandonou também seu interesse clássico de distinguir sentido e significado? A leitura padrão das *Investigações Filosóficas* afirma que sim, nós achamos que não "totalmente".

### **Sentido e significado na leitura padrão das *Investigações Filosóficas***

O esforço para distinguir sentido e significado nas *Investigações Filosóficas*, à primeira vista, parece ter desaparecido. Realmente, as *Investigações* consideram a linguagem de modo bastante diferente daquele do *Tractatus* e isso resulta em profundas mudanças na compreensão do sentido e do significado: "Reconhecemos que o que chamamos 'proposição' e 'linguagem' não é a unidade formal imaginada por mim, mas a família de estruturas mais ou menos aparentadas entre si" (*IF*, I, § 108)<sup>6</sup>.

A proposição e a linguagem, segundo a citação acima, passam a ser consideradas uma família de estruturas. Isto indica que a proposição não é mais vista como aquela unidade formal sustentada pelo *Tractatus*. Ela agora é considerada um lance no jogo de linguagem. E a linguagem não mais uma representação isomórfica do mundo, mas, como destaca o texto citado, uma família de estruturas que guardam semelhanças e parentescos. E, neste chão dinâmico, no jogo de linguagem, ela ganha sentido e ganha significado. Acontece que agora, não apenas a proposição tem sentido e significado, um nome também pode ter sentido e significado, dependendo do jogo de linguagem. Ambos se constituem no uso.

No jogo de linguagem, como se convencionou interpretar, sentido e significado não são mais distinguidos pelo fato do primeiro ser relativo à proposição e o segundo ser relativo ao objeto. Essas fronteiras são diluídas. Dependendo do jogo de linguagem, as *Investigações* aceitarão que tanto um nome quanto uma proposição podem ter sentido.<sup>7</sup> Por outro lado, dependendo

<sup>6</sup> Seguindo a maneira tradicional de citação, a obra *Investigações Filosóficas* será referenciada abreviadamente com a sigla "IF", seguida do respectivo número do parágrafo citado.

<sup>7</sup> Quando se diz 'ele deu um nome a uma sensação', esquece-se que muita coisa já tem que estar preparada na linguagem para que o simples dar nome tenha um sentido [...]. (*IF*, I, § 257).



do jogo de linguagem, tanto um nome quanto uma proposição podem ter significado.<sup>8</sup> E, para aumentar ainda mais o desafio, nas *Investigações Filosóficas*, além de não definir o que é sentido e o que é significado, Wittgenstein sustenta que ambos são atribuídos à linguagem por meio do uso e dos seus mais variados jogos.

Essas dificuldades para distinguir o sentido do significado nas *Investigações* nos remetem à questão de fundo: ainda é possível distinguir sentido (*Sinn*) e significado (*Bedeutung*) nas *Investigações*?

A resposta tradicional<sup>9</sup> a esta questão foi negativa porque tanto sentido quanto significado foram entendidos como sendo atribuídos ao uso que corriqueiramente fazemos da linguagem. Ora, parece correto dizer que sentido e significado são, segundo as *Investigações*, atribuídos à linguagem no uso, mas é importante notar a complexidade da categoria de "uso". Ela aponta para dimensões que sugerem prudência à tentativa de tratar sentido e significado como meros sinônimos.

### Sentido e significado a partir do inquietante § 556 das *Investigações Filosóficas*

*Sentido e significado se constituem no uso (o uso tem diferentes dimensões: como (significado em si) e para (aplicação, finalidade))*

De acordo com as *Investigações Filosóficas*, sentido e significado se constituem no uso e é dentro do âmbito do próprio uso que encontramos um parâmetro de distinção entre o sentido e o significado. E nossa convicção é que encontrar um parâmetro identificador para esses termos nas *Investigações* é possível, uma vez que o próprio Wittgenstein admite que é possível traçar algum limite para um termo, "pois ainda não se traçou nenhum" (*IF*, § 68). Mas, precisamos ser cautelosos, se traçarmos um limite entre sentido e significado, isto não implica que tal limite exista independente do uso:

É possível traçar limites segundo objetivos determinados; mas isso não implica que tais limites existam por si próprios, independentemente dos objetivos que nós traçamos – ou, dito de outra maneira, os limites dos conceitos não são independentes de nossa ação, ganhando consistência e sentido apenas quando são relativos aos usos determinados que pretendemos fazer dos conceitos. A exatidão conceitual é, assim, um atributo do uso (MORENO, 2000, p. 53-54).

A colocação de Arley Moreno ajuda, exatamente, a situar nossa posição neste momento: indicar um ponto, no âmbito do uso, que permite distinguir o sentido do significado. Não pretendemos com isso, claro, sustentar que tal limite existe independentemente do uso.

Antes de tudo, precisamos ter presente que, em diversos momentos, as *Investigações* assumem que sentido e significado não são usados como sinônimos. Isto é notório quando, sobretudo, naqueles parágrafos em que "sentido" e "significado" são usados para dizer coisas diferentes. O parágrafo 117 das *Investigações*, por exemplo, ilustra isso perfeitamente:

Alguém me diz: "Você entende esta expressão? Ora, – também eu a uso no significado (*Bedeutung*) que você conhece." – Como se o significado (*Bedeutung*) fosse uma penumbra que acompanha a palavra e é transferida para todos os seus empregos.

Se alguém, por exemplo, diz que a proposição "Isto está aqui" (apontando para um objeto diante de si) tem sentido (*Sinn*) para ele, então ele poderia perguntar-se, em que condições específicas se emprega realmente esta proposição. Nestas é que ela tem sentido (*Sinn*).

Aqui podemos notar claramente que as *Investigações* falam de sentido (*Sinn*) e de significado (*Bedeutung*) como sendo distintos, isto é, não considerando um como sinônimo do outro. Wittgenstein usa o termo alemão *Gebrauch* para falar de "uso". *Gebrauch* é, grosso modo, o chão onde o sentido (*Sinn*) e o significado (*Bedeutung*) são atribuídos, no jogo de linguagem, a uma palavra, a uma proposição ou, conforme o caso, ao próprio jogo de linguagem. Por isso, a pergunta

<sup>8</sup> O que devo dizer? Ele não entendeu esta frase ao dizê-la? A frase não traz em si todo o seu significado? (*IF*, § 540).

<sup>9</sup> Para uma exposição das linhas gerais da resposta tradicional. Cf. ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco. Uso e Significado: a compreensão de uma palavra na pragmática wittgensteiniana da linguagem. In: COSTA, Danilo Vaz-Curado R. M.; EFKEN, Karl-Heinz (org.). *Normas, Máximas & Ação*. Porto Alegre: Editora Fi, 2015. p. 115-132.

pela distinção entre o sentido (*Sinn*) e o significado (*Bedeutung*) só pode ser respondida pela análise do uso (*Gebrauch*), como este é concebido nas *Investigações*.

O uso da linguagem, nas *Investigações*, tem abrangência que ultrapassa o âmbito do significado, deixando entrever que outros elementos da linguagem também se relacionam com o uso. A. C. Grayling, por exemplo, acena para esta ideia de que o âmbito do uso ultrapassa o âmbito do significado e adverte que ter presente essa distinção entre esses dois termos é necessário para entendê-los corretamente na forma como propõem as *Investigações*:

É necessário notar que o conceito de "uso" é ele mesmo variado. Pode-se falar de *como* algo é usado, *para que* é usado, de *quando* seu uso é apropriado e até daquilo *em que* é usado. [...] Pode-se dizer, por exemplo, como um martelo é usado: pega-se o cabo e acerta-se a área achatada de sua cabeça no alvo; e – de modo bem diferente – *para que* ele é usado: enfiar pregos, nivelar superfícies, chamar a atenção em reuniões etc. Tais explicações dizem-nos algo sobre martelos, embora não determinem exclusivamente que é sobre *martelos* que estamos falando – há outras coisas cujos cabos pegamos (taco de golfe...) ou que podem ser usadas para enfiar pregos (o salto de um sapato, uma pedra). Está claro o suficiente que se pode falar dos usos das palavras de maneira análoga, como sugere Wittgenstein; pode-se explicar como uma palavra é usada, quando seu uso é apropriado e para fazer que tipo de trabalho ela pode ser usada. Mas, em que sentido essas serão explicações de *significado*? Suponha-se que eu diga *como* uma palavra foi usada: se digo que foi usada eficazmente ou insolentemente ou pensativamente, não digo nada sobre seu significado. Suponha-se que eu diga *para que* certa palavra pode ser usada: se eu digo que pode ser usada para insultar, acalmar, inspirar ainda não digo nada sobre seu significado (GRAYLING, 2002, p. 128, grifo do autor).

A. C. Grayling, nessa citação, destaca a importância de notar que o conceito de uso é ele mesmo variado. Pode-se falar de algo como é usado, para que é usado, de quando seu uso é apropriado e até daquilo em que é usado e isso comporta o que Wittgenstein diz sobre o significado como uso. De fato, pode-se explicar uma palavra, por exemplo, explicando como ela é usada ou quando seu uso é apropriado, como ele fez acima com o exemplo do martelo, mas

isso não esgota o conceito de uso, ele pode ser usado também para demonstrar outros aspectos da palavra que não são o significado. Por exemplo, continua Grayling, se alguém diz que uma palavra foi usada eficazmente, insolentemente ou ponderadamente está dizendo algo do uso da palavra, mas isto não diz nada do seu significado. Do mesmo modo, se alguém diz que a palavra foi usada para insultar, acalmar, encorajar ou, ao contrário, que ela não pode ser usada de tal modo, não diz nada ainda do seu significado. Essa abrangência da concepção de uso vai além do significado, visto que o significado não cobre toda a esfera do uso, ele pode revelar outros aspectos da palavra que não são o significado apenas.

Recoloquemos, pois, a pergunta: como sentido e significado se distinguem um do outro no âmbito do uso?

### Sentido e significado se constituem de modos diferentes

Passemos, então, a esta pergunta pela distinção entre sentido e significado. Vejamos onde se encontra a brecha, dentro da esfera do uso (*Gebrauch*), que possibilita distinguir um do outro. Isto será feito examinando atentamente a situação de uso que as *Investigações* apresentam no parágrafo a seguir:

Imagine uma língua com duas palavras diferentes para a negação. Uma é "X", a outra "Y". Um "X" duplo dá uma afirmação, um "Y" duplo, porém, uma negação reforçada. De resto, ambas as palavras são empregadas de modo igual. – "X" e "Y" têm então o mesmo significado em frases que ocorrem sem repetição?

– Poderíamos dar diversas respostas a estas questões.

a) Ambas as palavras têm uso diferente. Portanto, significado diferente. Frases, no entanto, nas quais elas estão sem repetição, e que, de resto, soam de modo igual, têm o mesmo sentido.

b) Ambas as palavras têm a mesma função nos jogos de linguagem, exceto por uma diferença, que é uma insignificante questão de tradição. O uso de ambas as palavras é ensinado da mesma maneira, por meio das mesmas ações, dos mesmos gestos etc.; e a diferença em seu modo de uso é acrescentada à explicação das palavras como algo secundário, como um dos traços caprichosos da linguagem. Por isso diremos "X" e "Y" têm o mesmo significado.

c) Conectamos diferentes representações com ambas as negações. "X" gira o sentido, por assim dizer, em 180 graus. E, por isso, duas negações desse tipo levam o sentido de volta ao seu antigo lugar. "Y" é como sacudir a cabeça. E como não se abole um sacudir de cabeça por outro, assim também não se abole um "Y" por outro. E, portanto, mesmo que frases com ambas as negações praticamente vão dar na mesma, "X" e "Y", no entanto, exprimem ideias diferentes (IF, I, § 556).

Nessa citação, Wittgenstein cria, hipoteticamente, uma situação que trata de duas palavras diferentes para a negação. Vamos examiná-la atentamente, pois, ela oferece um acesso muito sutil e privilegiado para distinguirmos sentido (*Sinn*) e significado (*Bedeutung*) nas *Investigações*.

Imaginemos, pois, com Wittgenstein, duas palavras para a negação: "X" e "Y". Quando se usa "XX" alcança-se uma afirmação, isto é, o sentido inverte-se. Quando se usa "YY" a negação é reforçada. Consideremos a pergunta de Wittgenstein: "X" e "Y" têm o mesmo significado quando são usados em frases sem repetição? Wittgenstein admite que poderíamos dar diversas respostas a esta questão e apresenta três que merecem ser consideradas cuidadosamente.

Para facilitar a análise de suas respostas, considerando seu tamanho, sua complexidade e sua importância para o que pretendemos com ela, retomaremos o texto referente a cada uma delas.

a) Ambas as palavras têm uso (*Gebrauch*) diferente. Portanto, significado (*Bedeutung*) diferente. Frases, no entanto, nas quais elas estão sem repetição, e que, de resto, soam de modo igual, têm o mesmo sentido (*Sinn*).

Ambas as palavras "X" e "Y" têm uso (*Gebrauch*) diferente nessa primeira situação considerada por Wittgenstein. Logo, seus significados (*Bedeutung*) são diferentes. Mas, sustenta Wittgenstein na situação que apresenta, frases onde elas estão sem repetição e, de resto, soam de modo igual, elas têm o mesmo sentido (*Sinn*). Aqui devemos nos perguntar: mas, se elas têm significados (*Bedeutung*) diferentes, por que elas têm o mesmo sentido (*Sinn*)? O texto citado responde dizendo que elas têm o mesmo sentido (*Sinn*) porque

"soam de modo igual". Então, se foi isto que, segundo o exemplo acima, caracterizou as frases a terem o mesmo sentido (*Sinn*), apesar de terem os significados (*Bedeutung*) diferentes, precisamos analisar mais atentamente essa expressão.

A expressão "soam de modo igual", citada no exemplo acima, é a tradução que se fez para o português da expressão alemã *gleich lauten*. O que entender por este *gleich lauten*, que permitiu a "X" e "Y" terem o mesmo sentido (*Sinn*), apesar de não terem o mesmo significado (*Bedeutung*), nas frases onde ocorreram sem repetição? Estamos diante de um ponto muito sutil. O verbo alemão *läuten* é um verbo transitivo e intransitivo que pode ser traduzido para o português por "soar", "tocar", "dobrar", como sonoridade de sino ou campainha, por exemplo. Mas temos também o verbo alemão *lauten*, sem o sinal diacrítico do trema, que representa a metáfora chamada em alemão de *Umlaut*. Este segundo verbo, *lauten*, sem o sinal de metáfora é um verbo apenas intransitivo e pode ser traduzido para o português por "ter o teor", "dizer". Ora, o texto alemão das *Investigações* traz o verbo *lauten*,<sup>10</sup> não acentuado e a versão portuguesa traduziu o verbo *läuten*, com o acento.

Isto que se acabou de mostrar é muito elucidativo porque parece mostrar que a tradução mais certa para a expressão *gleich lauten* seria "ter o mesmo teor" ou "dizer o mesmo". E esse modo de traduzir acentua mais o termo *lauten* como conteúdo de uma sentença, ou seja, o que ela procura ou está tentando dizer e, com isso, o acento é posto na dimensão de finalidade do uso, isto é, do objetivo visado com a sentença ou expressão em uso no momento. Contudo, podemos também supor que a palavra certa deveria ser mesmo *läuten*, com o acento e, que a redação alemã ou mesmo Wittgenstein, por um descuido, não redigiu o sinal de acento. Nesse caso, a tradução que foi apresentada acima de "soar de modo igual" teria de ser considerada. Como, então, ela poderia ser considerada? O que poderia ser esse "soar de modo igual"? Por certo, não se refere, na situação citada por Wit-

<sup>10</sup> Sätze aber, in denen sie ohne Wiederholung stehen, und die im übrigen *gleich lauten*, haben gleichen Sinn (grifo nosso).

tgenstein, aos sons materiais das palavras. Não teria cabimento pensar que ele está dizendo que o "soar de modo igual" silabicamente é que dá o mesmo sentido às expressões. Ao que parece, também neste caso, ele está usando "soar de modo igual" como metáfora para "querer dizer o mesmo" e, conseqüentemente, também se refere ao conteúdo das expressões, ao que elas estão dizendo ou tentam dizer. Se esse modo de entender é cabível, então não nos distanciamos do outro modo de ver, onde se deveria ter traduzido *lauten* por "teor" ou por "dizer", e mesmo com essa tradução de "soar" como metáfora, nos aproximariamos da ideia de finalidade da frase, de objetivo ou fim visado para o uso das expressões.

Assim, considerando o verbo *lauten*, sendo traduzido para o português por "soar" ou por "teor", como portador da ideia do conteúdo que se procura apresentar, a ideia que indica uma finalidade dada ao uso efetivo, a expressão *gleich lauten*, que fez com que as frases tivessem o mesmo sentido, apesar dos significados diferentes, na citação acima, está relacionada com o uso sim, mas com certa parte do uso que se refere à dimensão do conteúdo que se quer dizer. E essa parte do uso, como já se disse, se liga estreitamente à dimensão da finalidade que, no exemplo dado por Wittgenstein, foi atribuída às frases em que "X" e "Y" ocorreram sem repetição e fez com que elas tivessem o mesmo sentido. Ou seja: foi o fim visado que deu o mesmo sentido às frases em que "X" e "Y" ocorreram com o mesmo conteúdo e usos diferentes.

A tradução de *gleich lauten* para a língua inglesa também parece reforçar esta ideia de que ela é uma expressão que está relacionada com a finalidade, a característica ou o aspecto do uso onde as frases, do exemplo acima, ganham o mesmo sentido, apesar de "X" e "Y" terem ocorrido nelas com significados diferentes. A tradução inglesa das *Investigações Filosóficas* traduz *gleich lauten* por *same make*.<sup>11</sup> Ora, a expressão *same make* é traduzida para o português como "fazer o mesmo", "criar o mesmo", o que indica a

ideia de realizar algo, fazer ou criar algo visando um fim que se pretende alcançar. No caso das frases, do exemplo acima, como "X" e "Y" foram assumidas com a finalidade de negar, esse *same make* deu às duas frases o mesmo sentido (*same sense*). O que reforça a ideia de que a finalidade atribuída à frase é o modo ou aspecto do uso onde se constitui o sentido delas, uma vez que o verbo inglês *make*, traduzido para o português por "fazer", "construir", "criar", "elaborar", também conserva a ideia da dimensão de finalidade. Ele expressa o fazer, construir, criar ou elaborar em vista de um objetivo visado, um conteúdo que se deseja realizar.

Desse modo, parece possível dizer que o *gleich lauten*, a que se refere a citação acima, abre espaço para distinguir sentido e significado nas *Investigações*, uma vez que permite explicar porque ambos se constituem no uso e que o uso permite distinguir o *que* é usado do *para que* é usado.

Voltemos agora a nossa atenção para as respostas de Wittgenstein na letra (b) do § 556 das *Investigações Filosóficas*:

b) Ambas as palavras têm a mesma função nos jogos de linguagem, exceto por uma diferença, que é uma insignificante questão de tradição. O uso (*Gebrauch*) de ambas as palavras é ensinado da mesma maneira, por meio das mesmas ações, dos mesmos gestos etc.; e a diferença em seu modo de uso é acrescentada à explicação das palavras como algo secundário, como um dos traços caprichosos da linguagem. Por isso diremos "X" e "Y" têm o mesmo significado (*Bedeutung*).

Nessa segunda consideração, a resposta de Wittgenstein apresenta outro modo de ver "X" e "Y" ocorrendo em frases sem repetição. As duas expressões têm a mesma função nos *jogos de linguagem* que, como se viu, é a função de negação, e o uso de ambas é ensinado da mesma maneira, por meio das nossas ações, dos nossos gestos etc., por isso, "X" e "Y" têm o mesmo significado. O detalhe que faz uma diferir da outra é, para ele, um traço caprichoso da linguagem, uma insignificante questão de tradição, que se

<sup>11</sup> (a) The two words have different uses. So they have different meanings. But sentences in which they occur without being repeated and which for the rest are the *same make* the *same sense* (grifo nosso).



acrescenta à explicação das palavras "X" e "Y". Mas será mesmo que essas diferenças que Wittgenstein está chamando de "insignificante questão de tradição" não é importante para o sentido? Será que essa diferença que Wittgenstein está dizendo que é "acrescentada à explicação das palavras", mas que não impede que elas tenham o mesmo significado, não dá nenhuma diferença ao sentido de "X" e "Y"?

Wittgenstein não faz nenhuma consideração a respeito dessas perguntas que se acaba de fazer. Mas, deve-se notar que nesses exemplos da letra (b) ele acentua a igualdade de significados, o que não fez no caso da letra (a), quando estava querendo acentuar a igualdade de sentidos. E ele está acentuando a igualdade de significados nesta situação atual para tentar criar uma situação de igualdade de usos para o ensino das palavras "X" e "Y", isto é, uma situação de ensino dessas palavras por meio das mesmas ações, mesmos gestos etc. Mas há uma diferença em jogo, uma diferença que ele parece estar tentando minimizar.

É cabível pensar assim porque, se não houvesse nenhuma diferença em jogo, "X" e "Y" seriam a mesma palavra, e nada permitiria distingui-las. E, se Wittgenstein está tentando minimizar essa diferença, chamando de "insignificante questão de tradição" e "algo secundário", para tentar garantir a igualdade de significado (*Bedeutung*), parece cabível pensar que essa diferença se refere à finalidade que se pode dar às palavras "X" e "Y", a fim de dar a elas um sentido (*Sinn*). Argumentemos isso: se o uso é igual, porque no exemplo acima ele é mostrado como a mesma maneira de ensino, as mesmas ações, os mesmos gestos, então o fato de ter o mesmo uso dá o significado igual para "X" e "Y". Mas se o uso é igual e alguma diferença é admitida, ainda que ele não a acentue ou tente minimizá-la, essa diferença não se refere ao uso nem ao significado que brota dos seus usos porque eles são iguais. Essa diferença tem qualquer coisa dos diversos usos que dão o significado. Sendo assim, pode-se pensar que essa diferença se liga à finalidade que está sendo atribuída às palavras "X" e "Y", permitindo, com

isso, conferir-lhe um sentido que permita dar uma explicação delas, uma vez que se trata, no dizer de Wittgenstein, de uma simples "questão de tradição" ou "algo secundário", ou seja, algo que é dado às palavras "X" e "Y" pelos falantes, não uma propriedade inerente a elas ou mesmo o uso, que, no caso das palavras "X" e "Y", é considerado o mesmo, isto é, algo que já se instituiu.

Examinemos agora a última das respostas que Wittgenstein imagina para a pergunta que ele mesmo levantou no § 556 das *Investigações Filosóficas*. Notemos, inclusive, que as hipóteses desta letra (c) vão reforçar o que já se disse nas letras (a) e (b), com relação ao sentido:

c) Conectamos diferentes representações com ambas as negações. "X" gira o sentido (*Sinn*), por assim dizer, em 180 graus. E, por isso, duas negações desse tipo levam o sentido (*Sinn*) de volta ao seu antigo lugar. "Y" é como sacudir a cabeça. E como não se abole um sacudir de cabeça por outro, assim também não se abole um "Y" por outro. E, portanto, mesmo que frases com ambas as negações praticamente vão dar na mesma, "X" e "Y", no entanto, exprimem ideias diferentes.

As considerações de Wittgenstein neste ponto destacam o fato de que "X" e "Y" conectam diferentes representações. "X" gira o sentido (*Sinn*), por isso "XX" leva o sentido (*Sinn*) de volta ao seu antigo lugar; e "Y" é como sacudir a cabeça num gesto de negação, por isso "YY" não inverte o sentido (*Sinn*), mas o reforça ainda mais. Daí a conclusão de Wittgenstein de que mesmo frases com ambas as negações praticamente vão dar na mesma, o que é compreensível pelo lado do uso (*Gebrauch*) porque ele está admitindo que elas têm o mesmo emprego "XX" ou "YY". No entanto, diz Wittgenstein, elas exprimem ideias diferentes. É necessário, então, que se pergunte: por que elas exprimem ideias diferentes, se nesse caso elas têm o mesmo uso? A resposta é: porque elas têm finalidades diferentes no caso que está sendo exemplificado, ou seja, à "XX" é dada uma finalidade, que é inverter o sentido, e à "YY" é dada outra finalidade, que é reforçar o sentido. Se Isso é verdade, então, não se pode deixar de perceber que a posição assumida na letra (c) reforça o que se disse sobre a letra (b):

aquela diferença entre "X" e "Y", que Wittgenstein chamou de "algo secundário", tem mesmo a ver com o sentido, ou seja, "X" e "Y" negam de modos diferentes, tanto em (c) quanto em (b), porque as finalidades que estão sendo dadas a elas, nos casos exemplificados, mostram que são conferidos a elas sentidos diferentes.

Voltemos agora à posição assumida na letra (a), que permite pensar que o sentido é dado às frases que têm o mesmo teor ou soam de modo igual, isto é, dando a elas uma finalidade. Vejamos melhor: o uso diferente das palavras "X" e "Y" resultou em significados diferentes, o *gleich lauten* das frases em que "X" e "Y" ocorreram sem repetição fez com que elas tivessem o mesmo sentido. Percebe-se, então, que Wittgenstein liga o significado dessas frases ao uso e liga o sentido ao ter o mesmo teor ou soar de modo igual (*gleich lauten*), entendendo este com os detalhes que comentamos antes. Mas, que diferença se pode estabelecer, nas *Investigações*, entre o uso e o ter o mesmo teor ou soar de modo igual (*gleich lauten*), onde parece que são atribuídos, respectivamente, significado e sentido a "X" e "Y", nos exemplos analisados? Se essa diferença se confirma a contento no caso que foi apontado na letra (a) do § 556 das *Investigações Filosóficas*, talvez também sirva para reconhecer a distinção entre eles noutras situações de uso da linguagem.

*Gebrauch* é o termo alemão usado por Wittgenstein para dizer o que é o significado. "O significado das palavras é seu uso na linguagem" (*IF*, § 43). Ele pode ser traduzido para o português, de modo bastante elástico, como "emprego", "aplicação", "costume" ou "hábito". Assim pode-se dizer que, para as *Investigações*, o significado de um termo ou de uma frase é o seu uso, o seu emprego, a sua aplicação como habitualmente ou costumeiramente fazem aqueles que constituem o grupo social praticante daquele termo, ou daquela frase ou daquele jogo de linguagem. O significado, que se constitui na linguagem pelo uso, está mais ligado ao emprego preciso da linguagem. Como lembra Friedrich Wallner, ele "é uma proposição prefixal de 'precisar' (*brauchen*)", ou seja, continua ele, "usar possui em seu sentido

original um caráter mais estático, por isso se fala de uma 'instrução de uso' (WALLNER, 1997, p. 74-75). Claro que esse caráter "mais estático" não vem fossilizar o uso, ele não quer fixar absolutamente o uso, mas lembra que a sua dinâmica não tem a amplitude da dinâmica que brota do *gleich lauten*. Não se muda, por exemplo, o uso das palavras ou das frases com a mesma dinâmica e intensidade com que se muda o teor ou conteúdo (*lauten*).

E agora nos perguntemos: o que vem a ser *lauten* nas *Investigações*? Como já se acenou acima, *lauten* pode ser traduzido para o português por "teor", enquanto conteúdo de uma expressão. E podemos considerá-lo como "soar", como foi traduzido pelo texto apresentado, mas como metáfora de conteúdo de uma expressão ou dizer, porque como sonoridade material não vem ao caso. Por isso, entendemos que, nas *Investigações*, *lauten* se refere ao que, uma palavra, uma frase ou um jogo de linguagem querem comunicar, o que querem dizer, isto é, que finalidade querem alcançar. E é nessa intenção de querer comunicar um conteúdo, de querer dizer algo, ou seja, na finalidade visada, que os falantes de uma comunidade atribuem sentido à palavra ou à frase, em um jogo de linguagem. O que *lauten* permite dar à linguagem, que é uma finalidade, é muito mais dinâmico do que o uso onde se atribui o significado. Ao dar uma finalidade à palavra, à frase ou ao jogo de linguagem, ao dar um *lauten*, um teor, os falantes dão um sentido à palavra ou à frase, em um jogo de linguagem, porque dão a elas uma utilização e, continua a dizer Wallner, a "utilização acentua a disponibilidade do respectivo objeto e sua manipulação" (WALLNER, 1997, p. 75, grifo do autor). Por isso, ao que parece, não é descabível considerar, primeiramente, que existe certa distinção entre sentido e significado (*Bedeutung*) em termos de dinâmica. O sentido é mais fluido, mutável, dinâmico, variado etc., e o significado é mais estático, regular, propenso a uma constância maior. Sendo o sentido dado à linguagem por meio da finalidade que se atribui a ela nas mais diversas situações de uso e sendo o significado o uso "preciso" que se faz da lingua-

gem na cotidianidade, o sentido é mais dinâmico do que o significado, ele se relaciona mais com a direção que os falantes aplicam ao uso.

### Considerações finais

O § 556 das *Investigações Filosóficas*, como se viu, revela-se um ponto de partida bastante instigante para pensarmos a distinção entre sentido e significado. Ele recoloca a pergunta pelo abandono ou não da clássica e espartana distinção entre ambos, posta e defendida pelo *Tractatus*. E ele aponta, seguindo a esteira do novo paradigma linguístico pragmático, a trilha para continuar a considerar essa distinção.

Palmitar esse caminho e chegar a compreender o significado como aquilo que se constitui no uso que se faz da linguagem e compreender o sentido como a finalidade dada ao uso que é feito da linguagem, na dinâmica dos jogos de linguagem, é muito importante e revelador. Em primeiro lugar, porque põe em relevo que o mesmo uso de uma expressão pode ter diferentes sentidos ou que usos diferentes podem ter o mesmo sentido. E, em segundo lugar, porque põe em destaque o lado intencional do uso, mostrando que toda expressão tem uma finalidade, tem um "para que" é usada, além do uso que é feito dela.

Desse modo, a relevância da chave de leitura que se estabelece com o § 556 das *Investigações Filosóficas* termina por desembocar também na inquietante pergunta pela sustentação da distinção entre sentido e significado em outras passagens das *Investigações*. Será que a maneira como o sentido e o significado são entendidos no § 556 encontra mesmo respaldo noutros parágrafos das *Investigações*? E essa inquietação, segundo nossa convicção, vai resultar em uma resposta afirmativa e, claro, em curiosas descobertas.

### Referências

ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de. *10 lições sobre Wittgenstein*. Petrópolis: Vozes, 2017.

ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de. Forma lógica e subjetividade: o *Tractatus* e a inexistência de um 'eu' empírico capaz de representar. *Ágora Filosófica*, IS. 11, ano 14, n. 1, p. 103-122, jan./jun., 2014. Semestral.

ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de. Uso e Significado: a compreensão de uma palavra na pragmática wittgensteiniana da linguagem. In: COSTA, Danilo Vaz-Curado R. M.; EFKEN, Karl-Heinz (org.). *Normas, Máximas & Ação*. Porto Alegre: Editora Fi, 2015. p. 115-132.

CUNHA, Rui Daniel. A dedução dos objetos no *Tractatus*. *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, tomo XLV, fasc. 2, p. 225-246, abr./jun. 1989. Trimestral.

FOGELIN, Robert J. *Wittgenstein*. 2. ed. New York: USA, Routledge, 1995.

GRAYLING, A. C. *Wittgenstein*. Tradução de Milton Carmargo Mota; rev. de Adriana Cristina Bairrada. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

HINTIKKA, Merrill B. The objects of Wittgenstein's *Tractatus*. In: LEINFELLNER, Werner; KRAEMER, Eric; SCHANK, Jeffrey (ed.). *Language and ontology: proceedings of the 6º international Wittgenstein Symposium*. Vienna: Hölder-Pichler-Tempsky, 1982. p. 429-434.

LOMBARDI, Olímpia. Que son los objetos del *Tractatus*? *Revista de Filosofia*, Madrid, v. XII, n. 21, p. 55-76, 1999.

MORENO, Arley. *Os labirintos da Linguagem: ensaio introdutório*. São Paulo: Moderna; Campinas: Editora Universidade de Campinas, 2000. (Coleção Logos).

PINTO, Paulo Roberto Margutti. *Iniciação ao silêncio: análise do Tractatus*. São Paulo: Loyola, 1998.

TEJEDOR, Chon. *Wittgenstein*. London: Continuum, 2011.

WALLNER, Friedrich. *A obra filosófica de Wittgenstein como unidade: reflexões e exercícios em relação a uma nova concepção de filosofia*. Tradução de Álvaro Alfredo Bragança Júnior e Idalina Azevedo da Silva. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. 106 p.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. 4. ed. Tradução de Marcos Montagnoli; rev. de Emmanuel Carneiro Leão. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2005. (Coleção pensamento humano).

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução, apresentação e estudo introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos; Introdução de Bertrand Russell. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

---

### Gerson Arruda Júnior

Doutor em Filosofia pela Universidade de Lisboa (UL), em Lisboa, Portugal. Professor da graduação e do Programa de Pós-graduação em Filosofia na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), em Recife, PE, Brasil.

---

### José Marcos Gomes de Luna

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Coordenador da graduação em Filosofia e professor do Programa de Pós-graduação em Filosofia na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), em Recife, PE, Brasil.

---

**Endereço para correspondência**

Gerson Francisco de Arruda Júnior;  
José Marcos Gomes de Luna  
Universidade Católica de Pernambuco  
Rua do Príncipe, 526, Bloco G-04, 8.º andar, sala 803  
Boa Vista, 50050-900  
Recife, PE, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá  
Comunicação e submetidos para validação do(s)  
autor(es) antes da publicação.*